

## "Liberais por inteiro": uma análise sociológica sobre a emergência de identidades políticas juvenis em torno do liberalismo na Paraíba<sup>1</sup>

Tatiana Salles<sup>2</sup>

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho compõe pesquisa de doutorado desenvolvida na Paraíba que se estendeu de junho de 2016 até dezembro de 2018. Os agentes da pesquisa são jovens universitários que formaram um grupo de estudos liberais chamado “Coletivo Luis Gama”, com o objetivo de difundir o que eles concordam e chamam de “ideias da liberdade”. A pesquisa inclui etnografia, observação participante e entrevistas em profundidade. O movimento liberal ressurge no Brasil na esteira do movimento conservador, que se torna visível publicamente como um dos desdobramentos das mobilizações que protagonizaram o *impeachment* da presidente Dilma. O Luis Gama é formado no bojo dessa movimentação, se conectando nacionalmente ao *Students for Liberty*. Foi percebido que a identidade política dos agentes é um processo em movimento, com tensões internas e reposicionamentos a partir das mudanças no contexto político nacional. Assim, se na fundação do Coletivo tratava-se sobretudo de se apresentar como uma alternativa à esquerda, o fortalecimento da extrema direita nas eleições de 2018 provocaram um descolamento de jovens liberais que discordaram da pauta conservadora. Se trata de um novo momento para o liberalismo no Brasil, onde a participação juvenil emprega um caráter diferente na defesa das ideias liberais, fazendo com que eles se afirmem como jovens que defendem um tipo de “liberalismo mais puro”, mais aberto às pautas sociais e individuais, mas sem deixar de lado a defesa do livre mercado.

Palavras-chave: identidade. juventude. liberalismo.

### “Liberal as a whole: a sociological analysis about the emergency of young political identities around liberalism in Paraíba”.

**Abstract:** This paper is part of a doctorate research that took place in the State of Paraíba between June 2016 and December 2018. The agents of this research are young college students that founded a liberal group of studies called “Coletivo Luís Gama”, with the purpose of spread what they consider to be “the ideas of liberty”. The research adopts ethnography, participant observation, and in-depth interviews. The liberal movement resurfaces in Brazil in the wake of a conservative movement that becomes visible to the public as one of the consequences of the mobilizations that resulted in the impeachment of former president Dilma. The Luís Gama collective is formed in the midst of these movements, and is connected nationally to the group Students for Liberty. We perceived that the political identity of the agents is an ongoing process, with internal tensions and repositioning based on changes in the national political context. Therefore, if the foundation of the group was all about presenting itself as an alternative to left wing ideas, the strengthening of extreme right wing in the 2018 elections led to a clear detachment of young liberals from the conservative agenda. It is a new moment for liberalism in Brazil, where the participation of young people marks a different character in the defense of liberal ideas, which can be better understood as a more pure type of liberalism that is more open to social and individual needs, without neglecting the defense of free market.

**Keywords:** identity; youth; liberalism.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> Doutoranda em Sociologia, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: [Tatiana.salles@gmail.com](mailto:Tatiana.salles@gmail.com) ORCID: 0000-0003-2090-6179.

<sup>3</sup> É professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, e membro permanente dos Programa de Pós-Graduação em Antropologia e em Sociologia da mesma universidade. Fundadora e líder do Grupessc - Grupo de Pesquisas em Saúde, Sociedade e Cultura (UFPB) e membro do MARC (Medical Anthropology Research Center). Desenvolve pesquisas nas seguintes temáticas: antropologia da saúde, com foco no HIV/Aids; gênero e sexualidades; juventude e tempo social. E-mail: [monicafranch@gmail.com](mailto:monicafranch@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3845-3841>

## **Introdução**

Esse artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado em sociologia realizada na Paraíba no período de junho de 2016 até dezembro de 2018, com o objetivo principal de descrever as trajetórias de adesão de jovens até o liberalismo, centrando seus esforços de análise nos que se afirmavam como liberais “por inteiro”. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, na qual a pesquisadora se integrou a um grupo de jovens liberais de Campina Grande, o Coletivo Luis Gama, composto por nove jovens que contribuíram com a pesquisa. Desses nove interlocutores, três são do sexo feminino e seis do sexo masculino. Todos os jovens que participaram da pesquisa são estudantes universitários, sendo sete de universidades públicas e um de faculdade particular. A etnografia foi baseada em observação participante, o que permitiu a entrada da pesquisadora no universo dos pesquisados, obtendo-se, dessa maneira, o envolvimento em seus grupos de estudo, cafés, eventos e grupos de WhatsApp durante pouco mais de dois anos, traduzidos em aprendizado e uma apurada análise, permitida, sem dúvida, devido às ferramentas da etnografia. A etnografia também permitiu o desenvolvimento de vínculos com os pesquisados e isso possibilitou o aprofundamento de questões que foram depois discutidas e registradas nas entrevistas em profundidade. Desse modo a metodologia escolhida promoveu o esclarecimento sobre o que pensa o jovem liberal de Campina Grande, qual o sentido do liberalismo para ele, como essa identidade política foi sendo construída e como a sua trajetória e experiências políticas possibilitaram o tipo de engajamento político apresentado por ele.

O Coletivo Luis Gama foi fundado em outubro de 2016 em Campina Grande e é associado a Students for Liberty (SFL), fundada em 2012, SFL é uma rede autônoma de indivíduos que se afirmam como “liberais” e que se propõem a estudar e a difundir o liberalismo dentro das universidades, tendo em vista incrementar a participação de liberais nos debates políticos e intelectuais no Brasil. Entretanto, os termos desse liberalismo também visam se destacar do conservadorismo e abrir uma pauta original para o grupo. A SFL por sua vez recebe apoio financeiro da Atlas Network, uma instituição internacional com ramificações em vários países e que tem o propósito de propagar o liberalismo mundo afora. A relação entre a Atlas e a SFL não está clara para a maioria dos informantes, eles creditam à instituição internacional uma participação como financiadora de atividades pontuais, fomentando a aquisição de livros, intercâmbios entre jovens liberais de diferentes nações e apoio a eventos nacionais produzidos pela SFL. Ainda na percepção deles, a Atlas Network teria como interesse principal e único promover o liberalismo “de verdade”. Não há por parte dos jovens informantes um aprofundamento das razões da Atlas e qual seria a

contrapartida dela em termos práticos, no que ela estaria se beneficiando promovendo a “liberdade” no Brasil.

Para se conectar ao Coletivo Luis Gama os jovens respondem a um questionário que filtra indivíduos com predisposição à defesa de um tipo de liberalismo alinhado ao que o grupo defende, que eles tendem a chamar de “liberalismo de verdade”. O objetivo do questionário é evitar jovens que se afirmam como liberais, porém, restringem a liberdade individual e tendem a defender (apenas) a liberdade econômica, que são compreendidos pelos interlocutores como “conservadores”, portanto, desalinhados com a proposta de liberdade “ampla” defendida pelo Coletivo. As instituições de ensino superior são espaços de construção de suas identidades sociais e políticas. Esse fato, associado ao uso das tecnologias da informação, alinha o liberalismo com outras manifestações de identidades políticas juvenis presentes na contemporaneidade.

Um coletivo funciona como meio para os jovens interpretarem os fatos políticos e sociais que se apresentam a partir da temática escolhida por eles (Gohn, 2017). No caso dos jovens apresentados nesse trabalho, o liberalismo tem funcionado como um fio condutor que, além de unir o grupo, emprega um caráter diferente a eles, já que há uma forte intenção de destacar essa ideologia dos conservadores, que no Brasil historicamente têm uma relação de parceria e de confluência de ideias com o liberalismo. Esse passado histórico do liberalismo no Brasil não é negado pelos jovens informantes, contudo, eles acreditam que outrora as “ideias da liberdade” não teriam encontrado ressonância significativa dentro do país, devido ao acesso precário de informações, autores e ideias liberais “originais”, restando, por conseguinte, o acesso limitado e restrito ao liberalismo enquanto filosofia política, econômica e social. Com o advento da internet banda larga e dos smartphones surge então um outro tipo de liberal, que diz defender o liberalismo “por inteiro” e não apenas na economia, como seus predecessores. A tese pretende dar conta das trajetórias de adesão dos jovens de Campina Grande até o liberalismo “de verdade”, de modo a compreender como as primeiras experiências políticas vividas através de suas famílias, escolas e bairros, criaram as condições para que eles viessem a desenvolver esse tipo particular de identidade política, que carrega um discurso que tem uma estratégia mais aberta e de expansão, apesar de restringir o acesso de “liberais conservadores” e deles querer se destacar. Aqui nesse trabalho serão apresentados aspectos principais dessa atuação que visa distanciar a imagem do liberalismo de um conservadorismo nacional e “moralizante”.

### ***Em defesa da liberdade por inteiro***

Gabriel e Lucas<sup>4</sup> são dois jovens paraibanos nascidos em Campina Grande, ambos são estudantes do curso de Direito da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Gabriel tem 22 anos, é negro, filho de sindicalista e se afirma como liberal desde que tinha 13 anos. Lucas tem 21 anos, é branco e se tornou liberal aos 18, sob influência de Gabriel. Ambos são oriundos da classe média e os pais moram em bairros periféricos da cidade (Malvinas e Monte Santo). Quando se apresentaram para a pesquisadora, em junho de 2016, eles se definiram como que fazendo parte de uma "nova" maneira de defender o liberalismo, para eles um tipo de liberalismo mais propenso à defesa das liberdades individuais, além das liberdades econômicas.

Em 2016 o *impeachment* era uma das principais pautas quando se falava sobre política nacional e à frente das manifestações favoráveis a ele estava o MBL (Movimento Brasil Livre), que se apresentava publicamente a partir de uma defesa do liberalismo. Deste modo, tive o interesse em saber até onde haveria uma identificação entre aqueles jovens paraibanos e o MBL. Em uníssono, Gabriel e Lucas disseram que o liberalismo do MBL "não seria igual" ao deles. Na verdade, para os jovens informantes da pesquisa, o MBL é um movimento conservador e de direita, por defender uma pauta mais econômica do que social. De modo que associar aqueles jovens a um movimento de direita, não seria para eles uma maneira agradável de posicioná-los.

Dentre outras revelações, Gabriel e Lucas afirmaram que havia em curso uma chamada "esquerda liberal", na percepção deles um tipo de "esquerda" que incorpora a agenda capitalista do livre mercado, além das liberdades sociais, e que a pesquisadora precisava conhecê-la, talvez para ela compreender que do que se tratava o liberalismo que eles defendiam. Dessa forma, transpareceu que eles se empenhavam também na defesa de um espaço próprio, mesmo que estivessem circunstancialmente aliados a grupos que contradiziam tudo ou grande parte do que eles diziam defender.

O *impeachment* da presidente Dilma era uma pauta em comum com o MBL e com outros grupos, mas, com o desenvolvimento da pesquisa, era perceptível que havia diferenças inconciliáveis, que anos mais tarde, nas eleições de 2018, começaram a vir para a superfície e foram se tornando cada vez mais claras, na medida em que a extrema direita chegava ao poder. Intencionalmente os jovens do Luis Gama buscam uma renovação da identidade política liberal no Brasil, querendo, inclusive, descolá-la do conservadorismo e da direita, parceiros históricos do liberalismo no país. Esses jovens, ao se posicionarem como uma outra via, chamavam a atenção para a construção dos papéis políticos e sociais na contemporaneidade e suscitavam dúvidas a respeito do processo de formação dessas novas identidades políticas.

---

<sup>4</sup> Nomes são fictícios e sua escolha segue o gênero dos interlocutores

Defender a liberdade “por inteiro” é a forma com que esses jovens se apresentam quando estão falando de si ou de um grupo de jovens que presumidamente têm semelhanças com eles, uma vez que se conectam a outros Coletivos, como o Nabuco (Recife/PE), Dragão do Mar (Fortaleza/CE) e Boca Livre (Santa Maria/RS). A identidade de jovem liberal que eles acionaram é um meio de eles se diferenciarem, tanto para a pesquisadora, como para outros indivíduos que eles encontram e que procuram saber o que eles pensam e o que defendem. E uma vez que se afirmaram como liberais, eles acionaram o fator *diferença* para que a pesquisadora conseguisse compreender do que se tratava essa afirmação. E, principalmente, para que fosse feita a distinção dos conservadores e de outros que se afirmam como "liberais", mas que não têm as características esperadas pelo grupo, de defesa ampla da liberdade individual.

No primeiro encontro que marca a inserção da autora no campo de pesquisa, Gabriel disse que nos anos 90 houve uma "geração" de liberais no Brasil, mas que eles teriam se contentado com “algumas reformas”, deixando claro, já no primeiro contato, que aquele grupo de jovens liberais que ele fazia parte não se contentaria apenas com reformas econômicas. Disse, também, que os liberais de antes se furtavam dos debates sobre pautas sociais e que só eram chamados para falar de economia, porém, na "geração" deles, os liberais queriam falar (também) da parte social e não apenas da parte econômica. Outro ponto destacado pelo próprio Gabriel foi que o liberalismo teria vindo na esteira do movimento conservador e na visão dele por esse motivo eles são associados à "direita". Gabriel pretendia traçar definitivamente para a pesquisadora em qual lado da história ele e os amigos do Coletivo poderiam ser colocados. A postura daqueles jovens, Gabriel e Lucas, pretendia criar uma distinção entre eles e um passado histórico e social que atrela, no Brasil, o liberalismo ao conservadorismo.

Em sua tese sobre a UDN (União Democrática Nacional) e seu envolvimento com o liberalismo no período da ditadura no Brasil, Chaloub (2015) defende que a UDN era composta por diversos tipos de liberalismos que, juntos, formularam questões e reflexões sobre o país, construindo visões de mundo semelhantes e também dissonantes. Nesse sentido, o autor se debruçou sobre esse tempo da história política nacional, visando compreender o modo como a ideologia liberal se relacionava com aqueles que a defendiam.

Chaloub (2015) realoca o liberalismo dos udenistas como um "saber prático", que impulsionou discussões e decisões possíveis dentro das potencialidades do cenário e dos indivíduos envolvidos. Dito de outro modo, se percebe que o liberalismo praticado pela UDN marca um tempo histórico em que os recursos disponíveis condicionavam o tipo de liberalismo daqueles indivíduos e até mesmo o tipo de política que desenvolviam, devido às condições históricas e sociais da época. O

O udenismo no Brasil foi marcadamente um tipo de liberalismo condicionado à época e às vicissitudes experimentadas por indivíduos historicamente localizados (CHALOUB, 2015).

Hoje os resultados da pesquisa apresentada nesse trabalho apontam para um outro tipo de indivíduo que se declara como liberal. Nesse sentido, os interlocutores da pesquisa se dizem dispostos a romper com os conservadores, antigos aliados do liberalismo no Brasil, em razão de que defendem pautas como a liberação das drogas e a descriminalização do aborto, que por sua vez são combatidas pelos conservadores. Dessa maneira, o grupo de jovens liberais de Campina Grande pretende romper com um passado de meias liberdades, digamos assim.

Falar de geração dentro de uma perspectiva ampla, como um apoio de análise das identidades, pode ser interessante, se pensarmos nos atributos que certos indivíduos têm à disposição para interagir dentro daquele tempo histórico e desse modo desenvolverem preferências e fazer escolhas que conformam as suas identidades sociais ou políticas. Nessa perspectiva, Philip Abrams (1982) aponta para a relevância de a análise social levar em conta a colisão entre o tempo social e o tempo biográfico, na opinião dele, indispensável para o processo de construção das identidades. O tempo socialmente organizado é o meio em comum no qual a estrutura social e a identidade geram um ao outro (ABRAMS, 1982). É como se os indivíduos fossem estimulados dentro de um processo histórico a serem o que são e assim cada época guardaria a sua identidade, logo, uma geração seria um período de tempo no qual uma identidade é construída, baseada em um sistema de significados e de possibilidades. Com isso o que configura uma sucessão geracional nos termos de Abrams (1982) é uma nova configuração da ação social, na qual os indivíduos, a partir de novos recursos históricos, viabilizam situações históricas relevantes, construindo, dessa forma, uma rede de significância que irá caracterizá-los. Tanto Abrams (1982) quanto Giddens (2009) defendem que a análise da composição do social deve ser situada em um processo no tempo, que estabelece meios determinantes para os indivíduos recursivamente agirem.

Em um exemplo rápido, um jovem nordestino (como é o caso dos jovens liberais da pesquisa) que viveu nos anos 60, tinha a disposição dele recursos diferentes dos que hoje possui um jovem morador da mesma região. Nos anos 60 em Campina Grande as possibilidades de um jovem conseguir informação sobre política era através do rádio e o acesso ao ensino superior era para poucos e privilegiados indivíduos. Com a política de inclusão ao ensino superior promovida pelos governos do PT a partir de 2003, os jovens hoje encontram melhores chances de estudar em uma universidade, seja pela expansão dos campus das instituições públicas ou pela possibilidade de adquirir uma bolsa de estudos ou financiamento em instituições privadas de ensino superior. E as possibilidades de eles se informarem sobre política atualmente são amplas e diversas, a própria universidade tem funcionado

como um meio onde eles acessam novos conteúdos através de outros estudantes, fora o fato de eles poderem produzir conteúdo, devido ao acesso à internet através de *tablets*, *smartphones* e computadores.

Reis (2007) em sua tese sobre a trajetória de militantes políticos do Rio Grande do Sul apontou que os agentes acionavam em suas falas a ideia de “geração”, como forma de localizar seus grupos de pertencimento e também para diferenciá-los dos outros grupos, delimitando, com isso, um espaço original de atuação para eles próprios.

Em nossa pesquisa identificamos que os jovens interlocutores acionavam a ideia de “geração” também para demarcar o espaço deles em relação aos outros grupos e principalmente diferenciá-los dos “liberais de antigamente”, que na percepção deles não defenderam a liberdade “por inteiro”. Desse modo, ao fazerem isso eles apontam que os liberais da “geração” deles estão dispostos a estender esse ideal de “liberdade” e de até mesmo romper com os conservadores para garantir um espaço original para o grupo etário deles. É importante perceber que essa posição carrega uma estratégia de discurso e de ação dos jovens que hoje se conectam de algum modo à rede *Students for Liberty* (SFL), como é o caso do Coletivo Luis Gama, o filtro que eles aplicam para escolher dentre os jovens que não se declaram de esquerda os que têm preferências mais liberais e, portanto, inclinados um pouco à esquerda e à direita, servem ao propósito de reunir “liberais por inteiro”, como eles dizem. Essa estratégia de ação dos liberais que são apresentados nesse trabalho tem um caráter novo, pois ela foi gerada a partir de uma reflexão desses jovens, de como eles gostariam de ser lembrados, de com o quê eles gostariam de ser associados e de qual o papel deles, enquanto liberais, diante do cenário político e social que se descortina atualmente no Brasil.

Sader (2001) propõe que os movimentos sociais que surgem com uma “nova” matriz discursiva na realidade apontam para o fato de estarem determinados na criação de um “novo” agente social e histórico, a questão, nesse caso, seria de compreender como os contextos históricos produzem reinterpretções de práticas e de discursos. O que caracteriza o conjunto de interpretações e de ação dos liberais apresentados nesse trabalho como “novo” é que ele surge a partir de uma reinterpretção que parte de dentro do movimento liberal: a de seguir a risca a ideia de liberdade, estendendo-a tanto no campo econômico como no social, mas, principalmente no social, pois, é nessa pauta de discussões que eles querem se inserir e se afirmar. E na percepção dos jovens interlocutores da pesquisa, os liberais durante “muito tempo” se furtaram do debate social, centrando atenção no lado econômico do liberalismo. Então, a ação para fora decorre deste entendimento e dessa maneira os liberais de hoje, digamos assim, buscam se distinguir dos liberais de outrora e principalmente se descolar do conservadorismo, adotando, com isso, uma postura original para o grupo histórico deles.

A questão que os jovens interlocutores da pesquisa enfrentam é saber qual é o espaço para o liberalismo que eles defendem dentro da cultura política brasileira. E se há esse espaço. Tanto Gabriel quanto Lucas se sentem fazendo parte de uma minoria política, o liberalismo que eles pregam é uma espécie de quimera e em algum nível uma utopia, diante de um cenário talvez pouco promissor para o liberalismo que eles gostariam. Com isso não é precipitado afirmar que os jovens liberais de Campina Grande encaram a liberdade, individual e econômica, como a principal ferramenta de construção de suas ideias e pensamentos. Quando eles afirmam que são “liberais por inteiro” eles estão estendendo a ideia de liberdade, por entenderem que ela não deve mais ser defendida pela "metade". Esta é necessariamente a principal característica desses jovens. Inclusive, é por causa dessas pautas progressistas que eles passam a divergir dos conservadores, buscando um lugar original para o coletivo de jovens que integram. A minoria da qual se sentem parte.

### *Uma juventude liberal*

Na compreensão das Ciências Sociais, a juventude não é um todo significativo, ela se manifesta de forma desigual e amplamente variável dentro de uma mesma sociedade. Pode acontecer em alguns estudos de a juventude ser avaliada como mero signo, uma construção cultural, em parte desvinculada da história e da política, é até mesmo frequente o enfoque no aspecto significativo da juventude (MARGULIS & URRESTI, 1996). Entretanto, a juventude como categoria socialmente constituída tem uma dimensão simbólica, que deve ser analisada através de outras dimensões, como a material, histórica e política (MARGULIS & URRESTI, 1996). Em vista disso, a juventude aparece como um meio de analisarmos as transformações de uma sociedade, uma vez que a perspectiva geracional se alia a essa categoria de análise e dessa maneira podemos observar o conjunto de valores e de significância que o tempo tem para um determinado grupo de indivíduos.

Ao que tudo indica, os jovens que se afirmam como liberais estão hoje onde os liberais de antes não estavam. Ademais, eles têm fortes recursos tecnológicos e comunicacionais e o poder de agregar e de multiplicar instantaneamente, devido às ferramentas do tempo em que vivem. E o fato de estarem em situação de ensino superior denota a democratização desse tipo de educação no Brasil, outra grande diferença da geração deles em relação às anteriores. E aqui está se falando de geração no sentido amplo do termo, ou seja, dos jovens urbanos que nasceram a partir dos anos 90 e que têm hoje condições mais favoráveis de cursar uma graduação. Eles são resultado das políticas públicas empreendidas a partir de 2003, em que houve um esforço por parte do governo federal em democratizar o acesso ao ensino superior. Como Marshall (1967) enfatizou em conferência proferida

em Cambridge em 1949, a educação é pré-requisito para a cidadania e liberdade civil, combinando um direito individual ao dever público, imprescindível para a construção das democracias e liberdades políticas. Logo, os jovens interlocutores têm nos dias atuais outro tipo de recurso, pois, com o acesso ao ensino superior, eles podem ter contato com diferentes ideologias, autores e compartilhar esse conteúdo com outros jovens. É sem dúvida um momento no Brasil sem precedentes e que necessita de muito esforço por parte dos pesquisadores, na tentativa de dar conta dessa pluralidade presente hoje nas instituições de ensino do país.

O campo de experiências juvenil, além de motivar a formação de suas identidades, por se caracterizar como um espaço livre para expressão dos jovens, também estimula a articulação desses agentes, criando ações coletivas que podem vir a desencadear processos de mobilização política (ABRAMO, 2005). O que não é percebido, muitas vezes, é que os espaços de experiências juvenis são necessários para a concepção da identidade do jovem e até mesmo um meio para que ele assegure para si uma proteção às investidas socializantes a que estão submetidos em outros contextos sociais, como o de suas famílias, por exemplo (PAIS, 2003).

Estudando a dinâmica entre a política e os jovens universitários de uma instituição federal no interior de Minas Gerais, Groppo (2016) observou que havia processos educativos informais estimulando o cultivo de valores e ideais nos estudantes, caracterizando para ele uma “vibrante cultura juvenil estudantil”, na qual é possível perceber novas tendências de participação política e cultural. Nesse sentido, a universidade é percebida como um espaço que pode contribuir para a (auto) formação política dos jovens (GROPPO, 2016).

Na pesquisa desenvolvida em Campina Grande, as instituições de ensino superior são espaços de construção das identidades políticas apresentadas pelos jovens liberais e são também um espaço para eles socializarem e construírem as suas identidades juvenis. A chegada à universidade marca a percepção de todos os jovens ouvidos na pesquisa, uma vez que foi a partir daí que eles puderam amadurecer as suas escolhas ideológicas, no contato que estabeleceram com outros jovens. Esse fato emprega um caráter recente ao fenômeno do liberalismo no Brasil. Se aliarmos o advento dos *smartphones* com acesso à internet e a democratização do ensino superior no Brasil, teremos um caldo cultural instigante de novas ações sociais e políticas e com isso o surgimento de novos atores sociais, de novos enunciados políticos e de, inevitavelmente, uma ressignificação das práticas e dos discursos políticos. Contudo, o caráter qualitativo desses novos enunciados políticos ainda estão sendo devidamente estudados pelos cientistas sociais, na tentativa de se apreender o sentido desses discursos, ações, e as suas implicações na sociedade.

No percurso da história as juventudes se movem, contraditoriamente, por meio de processos de institucionalização e de autonomia dos jovens, assim, as transições juvenis não são lineares, mas dialéticas, uma contrapõe a outra e produzem novas condutas juvenis, o tempo todo (GROPPO, 2016). Desse modo, o indivíduo jovem na contemporaneidade é considerado como um agente com potencialidades de transformação do social, porém, a natureza qualitativa dessas ações varia conforme o contexto histórico e político e principalmente de acordo com as especificidades às quais o jovem se conecta. Contemplar o jovem como ator social privilegia o falar e o agir desse tipo de indivíduo, por encará-lo como vetor de transformação, considerando-o como autônomo e capaz de tomar decisões. Para Groppo (2016) essa perspectiva é positiva, porém, apresenta complicações se tomada de forma acrítica, como um paradigma, por aqueles que estudam as juventudes.

O jovem vive o contato original com o mundo e em algumas vezes ele se choca com a disposição social do contexto em que se vê, se contrapondo a ele e criando formas de contestação (MANNHEIM, 1982). Entretanto, é preciso perceber que nas sociedades modernas as juventudes são elementos de lutas políticas que contribuem para o domínio de determinados grupos sociais, todavia, também são componentes de lutas contra esses domínios (GROPPO, 2016). Nesse sentido, Groppo (2016) salienta que as juventudes se contradizem e se complementam, pois, há uma dialética entre elas, na qual ao mesmo tempo em que é possível haver jovens que lutam para a consolidação de um determinado poder, há outros que se opõem e que lutam contra o fortalecimento desse controle. Logo, a juventude ultrapassa a ideia de condição biológica e temporal e se torna também uma maneira de os indivíduos se definirem culturalmente e é por meio da juventude que a sociedade pode tomar conhecimento dos seus principais dilemas (MELLUCI, 1997).

Não é precipitado afirmar que os jovens agentes discutidos nesse trabalho tentam encontrar um lugar próprio no debate político e com isso querem mostrar que não estão ocupados em se dizer de direita ou de esquerda, por exemplo. O que transparece é que eles propõem uma via alternativa e a questão que enfrentam é saber qual é o espaço para uma terceira via dentro da política brasileira e se há esse espaço. Contudo, como foi dito, isso é uma estratégia do grupo para se diferenciar dos outros grupos e assim engajar socialmente novos adeptos à ideologia deles, da forma como eles a defendem. Se em um primeiro momento as críticas se centravam nas ideias e ações da esquerda, hoje os interlocutores liberais focam mais à direita, o que não quer dizer que eles não criticam a esquerda, mas sim, que eles se isolaram de ambas vertentes ideológicas e estão construindo um espaço próprio. Ademais, o fato de se sentirem fazendo "história", pois argumentam que são diferentes de liberais de outras épocas, mostra que em algum nível eles carregam uma utopia, os adultos construíram o mundo

que se apresenta para eles, no qual percebem situações que não se identificam e dessa maneira eles buscam um mundo diferente para eles.

### ***Liberalismo: ambíguo e multiforme***

Nas Ciências Sociais, Foucault (2008) foi um dos primeiros a aludir para a necessidade de se compreender o liberalismo não como uma realidade econômica objetiva e material, mas sim, como um sistema ambíguo, global e multiforme, com enraizamentos à esquerda e à direita. Logo, a recomendação que se dá é a de que se contemple o liberalismo como um sistema que tem implicações na cultura, na economia e na política, e que vem sendo construído ao longo do tempo, dentro de um processo histórico, e que nele há contribuições teóricas e empíricas de variados autores e posicionamentos políticos.

Foucault (2008) conseguiu olhar o fenômeno por dentro e por fora, analisando a complexidade histórica e cultural do liberalismo, juntamente com as ideias produzidas por seus principais pensadores, como Friedrich Hayek, apreendendo disso os reflexos desse sistema, que ele não encara como ideologia, se atendo à necessidade de encontrar a razão do sistema liberal, a lógica por detrás das teorias e dos conceitos e o dilema que enfrenta, que é, precisamente, o limite de atuação do governo.

Colocando nos termos de Foucault (2008), o problema do liberalismo é a restrição do Estado, tendo como princípio o que é interno a ele, ou seja, os seus objetivos e as suas práticas governamentais, desse modo, a razão governamental girará em como não governar demais. E Foucault percebe nesse dilema a ambiguidade do liberalismo, pois, ao mesmo tempo em que cria o Estado com a função de garantir a proteção à liberdade do mercado e da livre iniciativa do indivíduo, ele precisa se ocupar de limitar o poder e a atuação desse mesmo Estado, coibindo os seus excessos. Além disso, o autor identificou que a defesa da liberdade como concepção do liberalismo se apoia em um outro conceito alternativo, que seria o da *pluralidade*, nisso, a liberdade serviria à diversidade da vida contemporânea. Lagasnerie (2013) explica que Foucault chega a esse entendimento se baseando na forma-mercado, amplamente defendida pelos liberais, sendo para eles o único modo adequado de regulação de uma sociedade diversa e plural, seja em suas atividades de mercado ou nas formas de existência dos indivíduos, levando o filósofo francês a deduzir que a lógica do liberalismo caminha para um universalismo, mundo global, multiforme e de regulações mínimas.

Por consequência, o inimigo do liberalismo não seria o socialismo ou o marxismo, porque, aquilo pelo qual tem sido motivo de luta e de contestação na perspectiva dessa ideologia, é a atitude

que visa promover uma percepção unificante ou unificadora da sociedade, tendendo a valorizar o que diz respeito ao coletivo e ao comum, em detrimento do que é individual e particular (LAGASNERIE, 2013). Um mundo concebido pelos termos do liberalismo jamais será unificado, totalizado, uma vez que ele não se desenvolve dentro da lógica de um horizonte em comum, mas sim, substancialmente, dentro de uma razão que valoriza o plural e não teme o contraditório (FOUCAULT, 2008; LAGASNERIE, 2013).

Entretanto, uma manifestação teórica sobre o liberalismo ainda permanece "indefinida" e "opaca", não se tem uma definição clara e que seja ao mesmo tempo comum, encará-lo como uma manifestação apenas da liberdade, sob os seus mais variados aspectos, não é muito esclarecedor, já que deixa de fora o caráter ambíguo de suas implicações, uma vez que o termo "liberal" nos Estados Unidos remete à esquerda e em outros países, como a França e o Brasil, se remete à direita (ROSANVALLON, 2002).

Mas a tradução do liberalismo desenvolvida por Michel Foucault (2008) em grande parte se aproxima da lógica por detrás dos discursos dos jovens liberais de Campina Grande, o entendimento de que a atitude "antiliberal" estaria presente em ideias unificadoras da sociedade, principalmente quando elas se respaldam no "bem comum". Essa percepção é o modo pelo qual muitas vezes os jovens interlocutores liberais se expressam e se chocam com atores políticos de esquerda ou de direita, socialistas ou conservadores, que, de acordo com eles, querem usar o "Estado" para pôr em práticas as suas ideias políticas "totalizadoras". Portanto, na percepção de todos os jovens liberais ouvidos na pesquisa, o problema do Brasil é o Estado brasileiro, ele seria o responsável por distribuir privilégios, benesses e por criar as desigualdades sociais que têm implicações econômicas na vida de milhares de brasileiros e brasileiras. A "mentalidade estatista" é indicada por Gabriel, Lucas e seus amigos liberais como a expressão de uma razão "antiliberal", que aqui no Brasil teria se conformado entre os poderes executivo, legislativo e judiciário, mas, também na população, que foi habituada a ver crescer materialmente aqueles que trabalham ou prestam algum tipo de serviço para um dos três poderes republicanos.

Em realidade, os jovens liberais estão produzindo uma crítica ao tipo de liberalismo desenvolvido no Brasil e essa constatação não lhes faz adotar outra postura, que não seja a de afirmar que eles seriam liberais "por inteiro" ou ainda liberais "de verdade". Evidente que em tal afirmação que fazem transparece um julgamento das atitudes de outros indivíduos, deveras, é preciso compreender que, como eles se apresentam como o "novo", eles precisam criar um contraponto que afirme essa novidade, e o termo "por inteiro" informa que o liberalismo que praticam não é pela metade, não prevê um pouco de liberalismo na economia, apenas, mas um liberalismo por completo,

na vida do indivíduo e dentro do Estado. O termo “liberalismo de verdade”, dentre outras possibilidades de análise, atenta também ao fato de que, na percepção dos jovens liberais de Campina Grande, no Brasil existe um liberalismo ao contrário, ou seja, um "liberalismo de mentira". E o trabalho nas universidades desenvolvido por jovens voluntários do liberalismo nasceu da vontade que eles têm de apresentar para outros jovens os “ideais da liberdade”, a percepção construída disso é a de que o movimento liberal deles é diferente, mais comprometido com o liberalismo “de verdade”. Há nesse engajamento uma certa novidade, quando eles propõem que o cenário político não seja visto tão somente pelo lado esquerdo ou direito, mas, a partir da gênese do Estado brasileiro e dos atores sociais e grupos políticos que disputam o seu controle.

### **Considerações finais**

O enfoque dessa rápida exposição da pesquisa foi apresentar e introduzir o jovem liberal de Campina Grande àqueles que desenvolvem investigações sobre a relação entre as juventudes e a política hoje no Brasil. A novidade trazida no discurso e na ação política do “liberal por inteiro”, que tem conotações à esquerda e à direita, chama a atenção para a pluralidade presente nas juventudes que chegam ao ensino superior pós 2016.

O Coletivo Luís Gama surge em 2016 numa cidade no interior da Paraíba chamada Campina Grande, fundado por estudantes de Direito da UEPB, tendo os seus principais membros como interlocutores da tese. Desde o começo o Luis Gama adotou uma conduta liberal alinhada com o que a rede SFL defende, um liberalismo mais aberto, econômico, social, político e filosófico.

Foi defendido que o que caracteriza o conjunto de interpretações e de ações dos liberais apresentados nesse trabalho como *novo* é a reinterpretação que parte de dentro, a partir de algumas semelhanças que tornam essa comunicação, entre o que está dado e o novo, possível. Os jovens liberais que participam da pesquisa tendem a seguir as ideias de diminuição do poder estatal, tendo nisso a proteção da liberdade individual, estendendo a ideia de liberdade tanto no campo econômico como no *social*, mas, como exposto anteriormente, principalmente no campo do social, pois, é nesse campo de discussões que eles querem se destacar, por entenderem que aqui, especificamente no Brasil, ele sofre impedimentos e intervenções “graves”, sendo o que foi basicamente deixado de lado por liberais brasileiros de outrora. O que se busca é a "liberdade" de existir como quiser, de ter a orientação religiosa que for, a orientação sexual que convir e de consumir as substâncias que forem desejadas, sem que em nenhuma dessas ações possa existir a regulamentação excessiva e arbitrária da sociedade através do Estado ou a proibição e, portanto, o julgamento dessas atividades como

ilegais e, por consequência, o lançamento de certas práticas e de certos indivíduos e grupos na ilegalidade. Portanto, a ação para fora do grupo decorre deste entendimento, que os empurra em busca de se distinguirem dos liberais de antes, que na opinião deles teriam lutado muito pouco pela disseminação do "liberalismo", a ponto de deixar que sobre ele recaíssem juízos de valor ou estereótipos, provocados em muito pelo resultado das práticas liberais duvidosas e/ou contraditórias dos que se afirmavam "liberais", mas não buscavam, na opinião dos jovens interlocutores, agirem de acordo com os pressupostos básicos do "liberalismo".

Nessa atuação dos liberais de Campina Grande se percebe um pouco do que Dardot & Laval (2016) assimilaram, em parte retirado das leituras que também fizeram de Foucault (2008), da complexa rede de "processos heterogêneos" que resultaram nessa racionalidade liberal contemporânea, que tem implicações na vida dos indivíduos de maneira global e variada.

Com isso não há uma única classe social ou grupo responsável pelo seu avanço e disseminação, a razão liberal é ambígua, englobante, plural, deixando até mesmo em aberto a questão de quem está ganhando com ela (DARDOT & NAVAL, 2016).

Entretanto, é interessante ressaltar que há na atuação do jovem apresentado aqui uma lógica que também é local, porque, é um tipo de saber que ele aplica em seu cotidiano, em suas opiniões sobre economia, cultura, política, direito ou justiça. Então, por mais que o liberalismo seja uma razão global, a sua atuação se dá por meios locais, através de indivíduos, no presente caso, indivíduos jovens politizados que estão passando pelas instituições de ensino superior do país. E esse tipo de liberalismo "de verdade" ou "por inteiro" pretende atuar de forma ampla, à direita na economia e à esquerda nos direitos sociais individuais, certamente, um movimento que tem desafiado a nossa imaginação sociológica.

## **Referências bibliográficas**

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMS, Philip. **Historical sociology**. Cornell University Press. Ithaca, New York, 1982.
- CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946**. 2015. 311 f. Tese (Doutorado em Ciência Política), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.
- DARDOT, Pierre. & LAVAL Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. 1ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017.
- GROPPO, Luiz Antonio. **Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo**. In R. Pol. Públ., São Luís, v. 20, n 1, p. 383-402, jan./jun. 2016.
- LAGASNERIE, Geoffroy. **A última lição de Foucault**. São Paulo: Três estrelas, 2013.
- MANHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: **Essays of the sociology of knowledge**. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1982. Tradução de Claudio Marcondes.
- MARGULIS, Mario. & URRESTI, Marcelo. La juventude és mas que una palabra. In: **La juventude és mas que una palabra: ensayos sobre cultura e juventud**. Org. Mario Margulis. 3ª ed. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MARSHALL, Thomas Humprey. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MELLUCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução de Angelina Teixeira Peralva. In **Revista Young**. Estocolmo: v. 4, no 2, 1997, p. 3-14.
- PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Imprensa Nacional casa da moeda: Lisboa: Portugal, 2003.
- REIS, Eliane Tavares dos. **Contestação, engajamento e militantismo**: da "luta contra a ditadura" à diversificação das modalidades de intervenção política no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ROSANVALLON, Pierre. **O liberalismo econômico**: história da ideia de mercado. Tradução de Antonio Penalves Rocha. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro; Paz e Terra; 2001